

CRIANÇAS E PRÁTICAS ESPACIAIS NO MUNDO GLOBALIZADO¹

CHILDREN AND SPATIAL PRACTICES IN A GLOBALIZED WORLD

Iara Guimarães²

Kênia Alves Santos³

Lásara Marcelle Dutra Machado⁴

RESUMO: As concepções espaciais das crianças, que vivenciam a globalização, não se constroem de maneira linear, partindo do espaço próximo para o distante. As relações próximo/distante e entre lugar/mundo estão sendo profundamente (re)significadas diante dos imperativos da globalização e da cultura midiática, muito presentes no cotidiano delas. Nosso propósito, neste texto, é refletir sobre como trabalhar, em sala de aula, o mundo globalizado, as múltiplas escalas geográficas, a multiterritorialidade e as novas relações lugar/mundo que se projetam no atual contexto. Essa é uma questão muito importante para os professores que atuam nos anos iniciais com os conteúdos geográficos, tendo em vista que um dos objetivos mais caros do ensino de Geografia é tornar o mundo sensível e compreensível para os alunos, propiciando-lhes o reconhecimento e a análise da experiência humana no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Globalização. Multiterritorialidade. Práticas espaciais.

ABSTRACT: The spatial conceptions of children who experience globalization are not built in a linear way, starting from the near to the distant space. The near/far relations and the relations between place and world are deeply re-signified before the imperatives of globalization and the media culture, which are present in children's daily life. This paper aims to discuss how to work the globalized world in the classroom, the multiple geographic scales, the multi-territoriality and new place/world relationships that are projected in the current context. This is one of the most important issues for teachers who work geography contents in the elementary level, given that one of the most important goals of teaching Geography is to make the world understandable to students, enabling them to recognize and analyze human experience in space.

KEYWORDS: Children. Globalization. Multi-territoriality. Spatial practices.

Introdução

O que é hoje, a consciência do lugar? Não nos embaracemos com essa questão, penúltima herança das idéias (sic) estabelecidas em um mundo quase imóvel. Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar. (SANTOS, 2005, p. 191)

¹ Este artigo é resultado da pesquisa "Território, territorialidades e globalização no discurso jornalístico produzido para o público infantil escolar", financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a coordenação da Profa. Dra. Iara Vieira Guimarães. Dentre outros pontos, a pesquisa teve como objetivo contribuir para uma compreensão crítica de artefatos culturais produzidos para o público infantil e subsidiar o desenvolvimento de propostas pedagógicas no campo do ensino de Geografia dos anos iniciais da educação básica.

² Doutora em educação. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Grupo de Pesquisa: Formação docente, saberes e práticas de ensino de História e Geografia. E-mail: iaraguimaraes@faced.ufu.br

³ Aluna do curso de Pedagogia/UFU. Bolsista de iniciação científica/Fapemig. E-mail: kenia.ped@hotmail.com

⁴ Aluna do curso de Pedagogia/UFU. Bolsista de iniciação científica/Fapemig. E-mail: lasaramarcelle27@gmail.com

A globalização tornou-se uma palavra da moda que serve para explicar o momento histórico em que vivemos, os nossos dilemas, desafios e as perspectivas e possibilidades que se projetam no âmbito das relações sociais, da cultura e da economia. Esse tema tem sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação. A imprensa periódica, a televisão, o rádio, a internet, entre outros, informam, analisam, opinam, falam de maneira recorrente sobre globalização. Desta forma, vemos que, cada vez mais, ela tem-se tornado uma terminologia utilizada pelas pessoas cotidianamente, um assunto popular que serve para explicar os desafios da atualidade. Como nos mostra Bauman (1999, p. 7), “a globalização está na ordem do dia e se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros”.

O debate sobre este evento nos remete para muitas outras ideias que interessam a Geografia e seu ensino, tais como o encurtamento as distâncias, velocidade do tempo, desenvolvimento científico e tecnológico, informação instantânea e planetária, novas relações entre lugar/mundo, redes. A globalização nos leva à análise do processo de produção do espaço no mundo contemporâneo e sobre o modo como as práticas espaciais estão sendo urgidas pelos sujeitos sociais.

As transformações impostas pelo processo de globalização certamente têm provocado mudanças de atitudes, um pensar/agir diferenciados em relação ao tempo e ao espaço não estando as crianças, os jovens – e da mesma forma os professores – isentos de viver e sentir as suas consequências, imposições e também possibilidades. O fato é que, por mais que a globalização torne o mundo mais acessível por meio das informações simultâneas sobre os diferentes recantos do planeta, compreender esse mundo mostra-se uma tarefa desafiante a todos nós.

Entretanto esse desafio não pode inibir os docentes frente à tarefa de realizar uma análise que busque uma maior compreensão sobre a sociedade atual. Pelo contrário, essa busca se mostra como fundamental para os estudantes que estão em processo de formação. É nesse sentido que o ensino da Geografia tem uma importante contribuição à formação das crianças.

Diante da tarefa de ensinar sobre o mundo, o professor que trabalha com os conhecimentos geográficos necessita buscar novas trilhas, sabendo que, muitas vezes, elas serão difíceis de serem percorridas. O desafio de compreender e ensinar sobre o mundo de hoje pressupõe pensar na nossa relação com o mundo e questionar se é possível entendê-lo por meio da lógica restrita e fragmentada. Desse modo, podemos questionar: no ensino de Geografia, o que significa, afinal, trabalhar com conteúdos significativos para as crianças? Como fazer a conexão entre o lugar, a realidade vivida e o mundo mais amplo em sala de aula? Essas são, sem dúvida, questões que nos fazem pensar sobre os propósitos e a relevância de ensinar Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nosso propósito, neste texto, é refletir sobre como trabalhar, em sala de aula, o mundo globalizado, as múltiplas escalas geográficas e as novas relações lugar/mundo que se projetam no atual contexto. Essa é uma questão muito importante para os professores que atuam nos anos iniciais com os conteúdos geográficos, tendo em vista que um dos objetivos mais caros do ensino de Geografia é tornar o mundo sensível e compreensível para os alunos, propiciando-lhes o reconhecimento e a análise da experiência humana no espaço.

Globalização e relações espaciais

A globalização diz respeito a um processo de maior integração entre os diversos países e povos do mundo por meio da circulação acelerada de mercadorias, investimentos financeiros, informações, ideias e pessoas. É um nome que se dá para a atual fase histórica em que vivemos, na qual o capitalismo se expandiu por todo o globo promovendo intercâmbios variados entre os diferentes lugares por meio de uma ampla rede de transporte e telecomunicações.

A globalização rompe com um passado em que os sujeitos viviam circunscritos a um lugar e se relacionava com sua vizinhança. Um passado no qual a comunicação era difícil e as longas distâncias

a serem transpostas faziam com que o conhecimento do mundo fosse restrito, limitando-se ao próprio lugar de vivência. Hoje, os acontecimentos do planeta estão perto de todos nós, não importa em que lugar estejamos. As imagens e notícias do mundo circulam com uma rapidez desmedida e nos permitem saber o que acontece em todos os cantos da Terra. As novas possibilidades de comunicação, transporte e fluxos entre os lugares são marcantes para a organização do espaço e do tempo no mundo de hoje.

Santos (1997, p. 178) afirma que os processos de comunicação transformaram a nossa capacidade de perceber o mundo, permitiram-nos conviver com os acontecimentos locais e não-locais simultaneamente e, assim, espaços e acontecimentos distantes estão cada vez mais presentes em nossas preocupações cotidianas. De acordo com o autor:

Chegamos a este final de século em que somos capazes de participar da contemporaneidade simultânea. Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos. Essa nova situação muda a definição dos lugares. O lugar está em todo lugar, está dissolvido no mundo inteiro, graças à televisão, graças à instantaneidade. Temos ainda o satélite que nos dá o movimento da Terra. É como se fizessemos cinema: acompanhamos a terra, o mundo. (SANTOS, 1997, p. 178)

A globalização está presente no nosso cotidiano, nos nossos hábitos culturais, em nossa alimentação, nas músicas que ouvimos, nos filmes, programas e noticiários da TV aos quais assistimos, nas palavras e expressões de outras línguas que falamos. Nesse processo, outros lugares e países estão mais perto de nós, no lugar em que vivemos. Há, no mundo atual, uma acelerada circulação de capitais e de mercadorias; os hábitos culturais dos diferentes povos tornam-se cada vez mais semelhantes; os acordos políticos internacionais sobre meio ambiente, segurança, ajuda humanitária, etc. são muito frequentes.

Entretanto, é preciso assinalar que a globalização é um processo contraditório. Por mais que as sociedades estejam conectadas, não ocorreu a diminuição das diferenças e desigualdades marcantes no mundo. Há desigualdades sociais e econômicas entre ricos e pobres, há inúmeras diferenças culturais (os hábitos, os gostos e os costumes). Tudo isso faz com que os mais de seis bilhões de habitantes do planeta Terra apresentem uma acentuada diversidade. O fato é que a velocidade das informações e o encurtamento das distâncias, a maior integração entre os povos e países não serviram para diminuir as desigualdades econômicas e sociais e mesmo as diferenças culturais.

Esse processo é produtor de perversidades, deturpações, sobretudo porque é excludente e gerador de mais pobreza. A maior parcela da humanidade não usufrui dos benefícios gerados pela globalização e, ainda hoje, sofre com tudo que a violência econômica e a pobreza provocam. Harvey (1994, p. 115) nos mostra que os efeitos positivos e negativos deste evento variam em intensidade de lugar para lugar, sendo que ela, ao mesmo tempo que gera pobreza, desemprego e degradação do padrão de vida da população, “concentra riqueza e poder e promove oportunidades político-econômicas numas poucas localidades seletivamente escolhidas e no âmbito de uns poucos estratos restritos da população”.

A presença do mundo nos lugares não significa a iminência de um processo de homogeneidade do espaço geográfico. Pelo contrário, é possível verificar que à medida que os lugares tendem a se tornar globais, muitas singularidades podem ser preservadas ou mesmo produzidas, pois as forças da globalização, ao se depararem com as condições preexistentes, que estruturam e organizam um determinado lugar, produzem novas condições e, inclusive, fragmentações. O impacto da globalização não é o mesmo em todos os lugares. Apesar das semelhanças que podem ser encontradas em determinados elementos do espaço, ela pode ser contrariada no lugar, visto que o processo é contraditório e depende da organização social preexistente. Isso justifica a negação da homogeneidade e a afirmação de que o espaço mundial só existe de maneira metafórica.

Desse modo, o mundo ainda não se tornou uma “aldeia global”. Essa ideia sugere que, na globalização, as relações de comunicação e interlocução entre o lugar e o mundo agregam a

simplicidade de se encontrar, comunicar e de se relacionar com o vizinho presente na aldeia. Essa noção desconsidera a complexidade do mundo que, em nada, pode comparar-se com a simplicidade de uma aldeia, assim como o conflito e a complexidade iminentes da globalização. Assim, diferentemente do que ocorre nas aldeias, o processo de comunicação e informação não se dá pela interação entre as pessoas, mas pela notícia produzida e em circulação por meio da mídia global.

O que pode ser constatado é que o sistema técnico atual, pela primeira vez na história, se faz presente em todo o planeta, permitindo a experiência com o tempo real, a convergência dos momentos, a fluidez, a velocidade, a possibilidade de conhecer o planeta de forma extensiva. Isso muda, de maneira significativa, a nossa relação e percepção do tempo e do espaço. Na fase atual do capitalismo, entretanto, estamos longe da pretensão de termos um só mundo e de todos poderem usufruir das possibilidades oferecidas pelo sistema técnico em relação aos novos horizontes e experiências com o espaço e o tempo.

As escalas geográficas e o ensino de Geografia nos anos iniciais

A globalização certamente tem trazido repercussões importantes para os professores que trabalham com o ensino de Geografia. Esses são chamados a contextualizar, buscar relações e lidar com as intrincadas relações entre todo/partes, mundo/lugar.

Nessa perspectiva, podemos questionar o modo como as disciplinas têm tratado os conhecimentos de forma fragmentada e isolada, o que dificulta e impede o vínculo entre as partes e o todo e, nessa medida, embaraça a apreensão da realidade e a compreensão do mundo em sua complexidade e em seu conjunto. Para Morin (2003), a situação atual da educação impõe a necessidade de uma profunda reforma do conhecimento e do ensino, capaz de promover a religação dos saberes e uma nova maneira de desenvolver o conhecimento e a apreensão dos problemas globais e locais. Não se trata de opor o global ao local, o universal ao particular e o concreto ao abstrato. Para Morin (2003, p. 108), trata-se de “perceber e descobrir as relações de inseparabilidade e inter-retroação entre qualquer fenômeno e seu contexto e de qualquer contexto com o contexto planetário”.

Nesse contexto, atribui-se ao professor o papel de construir com a criança saberes e conhecimentos sobre o grupo e o lugar dela no mundo mais amplo. A preocupação recorrente tem sido em torno da proposição de trabalhar com o pensamento do aluno, aliando conhecimento sistematizado e ação pedagógica de modo a estabelecer fortes vinculações entre a realidade, ou seja, de tudo que está ligado à experiência de vida dele que lhe seja significativo e o espaço mais distante. O desafio é considerar que a realidade do aluno e o espaço de vivência dele contêm e estão contidos no mundo.

A relação entre os habitantes do lugar é redimensionada pelas interações que se estabelecem entre o local-global. O mundo está em toda parte, está no lugar onde vivemos. Entretanto, não podemos esquecer que, apesar da força do mundo sobre o lugar, o processo de globalização possibilita também redescobrir a corporeidade, o espaço vivido da vida enraizada. Para Santos (1997, p. 251):

O mundo da fluidez, da vertigem, da velocidade, da freqüência (sic) dos deslocamentos, da banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender.

Tal fato aponta para a questão de como devemos tratar as escalas geográficas no ensino de Geografia, especialmente com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. As escalas geográficas são partes ou dimensões do espaço da superfície terrestre.

Para Vesentini (2005, p. 13), o conceito de escala geográfica é diferente do conceito de escala cartográfica, apesar guardarem alguns pontos em comum:

A escala cartográfica se refere a uma proporção matemática entre um mapa e a área que ele representa; é uma medida ou relação quantitativa. A escala geográfica vai, além disso: ela também é uma propriedade do espaço, uma dimensão deste, mas não apenas quantitativa (as distâncias ou a área); é principalmente qualitativa – as relações e interações entre os elementos físicos e humanos daquele espaço e, de forma especial, os laços ou traços de união entre os moradores e destes com o resto do mundo.

Os chamados círculos concêntricos – concepção que historicamente serviu como base para a organização e seleção dos conteúdos geográficos trabalhados na escola – já não conseguem mais explicar as novas relações entre lugar/mundo e os sentidos de se viver em um mundo globalizado. Por meio dos círculos concêntricos, os conteúdos da Geografia eram organizados começando pelo espaço próximo até chegar ao mais distante. Assim, no ensino fundamental, seguia-se uma sequência escalar, que se iniciava pelo estudo do “eu”, da casa, da escola, do bairro, da cidade/município, do Estado, do país, dos continentes até que, finalmente, chegasse ao mundo. Acreditava-se, desse modo, que seria respeitado o grau de maturidade das crianças e jovens partindo sempre da referência mais próxima para, somente quando as condições de abstração dos alunos estivessem mais consolidadas, trabalhar os espaços mais distantes. A análise geográfica seguia, portanto, um percurso linear e fragmentado ao tratar as escalas geográficas.

Essa concepção desestabilizou-se com as novas relações entre os lugares e o mundo e com as novas percepções espaço-temporais, fruto do processo de globalização: quais são os espaços e os fenômenos mais próximos dos alunos de hoje? Como podemos definir as distâncias em uma época de produção e circulação de notícias instantâneas e simultâneas sobre todos os recantos do planeta? Nesse sentido, Callai (2000, p. 108) afirma que:

Iniciar pelo “eu” e avançar circularmente é considerar, equivocadamente, que o mundo e a vida das pessoas acontecem numa seqüência (sic) linear de distâncias. O mundo não é tão simples assim. As relações sociais são complexas e vão muito além de uma simples seqüência (sic) de escalas e de uma explicação encadeada do menor para o maior e mais distante.

Assim, as concepções espaciais das crianças, que vivenciam a globalização, não se constroem de maneira linear, partindo do espaço próximo para o distante. As relações próximo/distante e entre lugar/mundo estão sendo profundamente (re)significadas diante dos imperativos da globalização e da produção da mídia que circula em tempo real pelo mundo. A compreensão de que o mundo está presente no lugar e nas vivências cotidianas já é uma realidade que desafia o ensino de Geografia, assim como o fato de que a geração atual de alunos que frequentam a escola tem maior acesso à informação do que a de todos os tempos, pois cresceram participando diretamente das transformações radicais dos meios de comunicação ocorridas nas últimas décadas. Viver em um lugar é participar da complexidade do mundo, é ter de enfrentar a tarefa de percebê-lo de forma contextualizada e significativa, é entender a complexa relação lugar/mundo. Para Straforini (2008, p. 82):

A realidade evoca a idéia (sic) de totalidade. Não há como conceber o mundo linearmente, estudando as partes: casa, rua, bairro, cidade, estado, país, continente separadamente para depois juntá-los, formando assim o mundo. O mundo atual é fragmentado no sentido de que a globalização produz espaços da globalização, ou seja, os espaços hegemônicos ou hegemonzados, os que ditam as ordens e os que as executam. Mas o mundo não é a somatória desses espaços tomados separadamente.

Como argumenta Ortiz (1994, p. 220), “já não é mais a distância, a viagem, que nos conecta aos quadros espaço-temporais da mundialidade. Nossa contemporaneidade faz do próximo o distante,

separando-nos daquilo que nos cerca, ao nos avizinhar dos lugares remotos”. Assim, o imponente desafio do ensino de Geografia é promover uma interpretação cuidadosa sobre os lugares em relação ao todo planetário que permita a compreensão sobre o que é o mundo e o que são os lugares. Em um mundo complexo, no qual o todo se expressa nas partes, provocando uma relação intrincada entre semelhança e diversidade, próximo e distante, uma das maiores incumbências do ensino de Geografia é tratar o conhecimento sobre o mundo de maneira contextual e globalizada. Diante desse quadro, o modo de pensar que considera apenas uma escala geográfica pode ser errôneo e questionável. Conforme aponta Haesbaert (2004, p. 116):

Hoje poderíamos afirmar, a experiencia integrada do espaço (mas nunca total, como na antiga conjugação íntima entre espaço econômico, político e cultural num espaço contínuo e relativamente bem delimitado) é possível somente se estivermos articulados (em rede) através de múltiplas escalas, que muitas vezes se estendem do local ao global. Não há território sem uma estruturação em redes que conecta diferentes pontos ou áreas. Se antes vivíamos sob o domínio da lógica dos territórios-zona, que mais dificilmente admitiam sobreposições, hoje temos o domínio dos territórios-rede, espacialmente descontínuos, mas intensamente conectados e articulados entre si.

Desse modo, é necessário que os professores ampliem o seu saber profissional para além dos conteúdos e programas de ensino. A construção do seu ofício deve ser marcada, também, por uma aguçada preocupação em compreender o contexto dos sujeitos aos quais destinam os seus esforços. Sabemos que a ação educativa adquire significado para esses sujeitos quando é associada às vidas concretas, aos interesses e projetos deles. Para Cavalcante (2006, p. 73):

No caso específico da Geografia, trata-se de ajudar alunos a desenvolver modos de pensar geográfico: internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade, ter consciência da espacialidade das coisas. Esse modo de pensar geográfico é importante para realização de práticas sociais variadas, já que elas são sempre práticas socioespaciais. O entendimento é de que há um movimento dialético entre as pessoas e os espaços, formando espacialidades. Esse fato torna o conhecimento geográfico importante para a vida cotidiana. A vida cotidiana é composta de arranjos espaciais, de relações espaciais complexas.

Tendo como referência a criança, sujeito do conhecimento, cabe ao professor propor o desenvolvimento de conteúdos e atividades variadas sobre o espaço e o tempo. A condução refletida e ativa do professor é essencial para que o trabalho produza resultados significativos no processo de construção de conhecimentos pelos alunos. É fundamental construir uma proposta pedagógica para trabalhar os conteúdos geográficos que considere:

- O questionamento da realidade e a reflexão sobre as práticas espaciais vivenciadas pelas crianças.
- O uso de diferentes formas de linguagens (poesias, músicas, fotografias, textos jornalísticos, história em quadrinhos, etc.) que possibilitem a produção, a expressão de ideias e a interpretação do lugar e do mundo.
- A realização de atividades que permitam às crianças perceberem a diversidade de opiniões e de pontos de vista sobre um determinado tema. Dessa forma, os relatos de vivências, depoimentos, argumentações e todas as formas de expressão oral, constituem-se o caminho mais profícuo para a análise. O saber do aluno ganha, nessa etapa, um importante realce, pois é para ele e com ele que a análise deve ser construída. As crianças, ao falarem, escreverem e representarem por meio de diferentes formas de expressão sobre as vidas e sobre o espaço vivido delas, expressam formas de apreender o mundo. Portanto, é preciso deixar que elas falem de si, do grupo de convivência e do espaço em que vivem.

- A compreensão reflexiva de como os diferentes objetos e ações do seu lugar de vivência estão relacionados uns com os outros.
- A problematização, a observação, a descrição, a busca de dados e informações em diversas fontes, a comparação, a análise e a explicação das características dos lugares e de diferentes paisagens geográficas. O questionamento da realidade com a criança e a organização de instrumentos de pesquisa – que permitam a busca de dados e informações sobre as questões levantadas – favorecem e ampliam-lhe a capacidade de reflexão, iniciando-a na investigação e análise crítica sobre a vida, o espaço vivido e seus espaços mais amplos.

Essas questões são fundamentais para a prática pedagógica do professor com a relação lugar-mundo. Para compreender o mundo cotidiano, é preciso pensar de maneira relacional na existência de outros mundos, de outras realidades, muitas vezes, distantes e diferentes da nossa.

Possibilidades pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental

Propor um trabalho pedagógico diferenciado com as chamadas escalas geográficas requer estabelecer conexões entre o que se encontra na perspectiva do nosso campo de visão, do lugar de vivência e o que se encontra além dele, buscando sempre uma relação com a totalidade de modo a compreender que os acontecimentos vividos em nossa cidade, em nosso lugar, podem influenciar, e ser influenciados, por outras escalas geográficas. Devemos entender que as escalas geográficas vão além de simplesmente estabelecer distância e extensão, elas são qualitativas, envolvem “as relações e interações entre elementos físicos e humanos daquele espaço e, de forma especial, os laços ou traços de união entre os moradores e destes com o resto do mundo” (VESENTINI, 2005, p 13).

Ao trabalharmos com a questão da relação mundo/lugar e as escalas geográficas nos anos iniciais, estabelecemos como preocupação a criação de atividades para que os alunos pudessem ser capazes de produzir aprendizagens significativas, além de despertar-lhes o desejo da participação, o interesse pelos estudos. Nosso objetivo foi, também, criar estratégias para que eles pudessem refletir criticamente sobre a questão, estabelecendo as relações necessárias entre o que já conhecem e os conhecimentos novos que apresentávamos.

Nesse sentido, mostrou-se fundamental a utilização de materiais diversificados e lúdicos que permitissem às crianças pensarem de maneira crítica e também prazerosa, sobre a questão em foco. A experiência com a sala de aula, cada vez mais, tem-nos mostrado que assim os conhecimentos geográficos ganham ressonância e significado para os alunos, servindo para reorganizar e enriquecer a percepções deles sobre as relações espaciais.

A experiência que relatamos, a seguir, foi realizada com crianças de oito anos em uma turma de uma escola pública. Ela se mostrou motivadora e rica para a construção de aprendizagens pelas crianças e, por isso, poderá servir de subsídios para a construção de outras experiências docentes em outros contextos. Sem a intenção de darmos receitas pedagógicas, relatamos a experiência realizada.

1) O que conhecemos sobre o nosso mundo?

Iniciamos propondo aos alunos uma conversa sobre os aspectos que envolvem as escalas geográficas. Para tanto, utilizamos a canção “Ora bolas,” do grupo Palavra Cantada (CD Canções de Brincar, MCD Word Music. São Paulo, 1996), que faz referência direta às escalas geográficas de forma descontraída e divertida:

Oi, oi, oi... Olha aquela bola
A bola pula bem no pé, no pé do menino
Quem é esse menino? Esse menino é meu vizinho...

Onde ele mora? Mora lá naquela casa...
Onde está a casa? A casa tá na rua...
Onde está a rua? Tá dentro da cidade...
Onde está a cidade? Lá no alto da floresta
Onde é a floresta? A floresta é no Brasil
Onde está o Brasil? Tá na América do Sul, no continente americano, cercado de oceano
Castelos mais distantes de todo o planeta
E como é o planeta? O planeta é uma bola que rebola lá no céu
Oi, oi, oi... Olha aquela bola
A bola pula bem no pé, no pé do menino.

Seguindo a letra no papel, ouvimos e cantamos a canção. Em seguida, realizamos um debate cuja a intenção foi descobrir quais eram os conhecimentos prévios das crianças sobre o tema. De maneira geral, elas demonstraram compreender bem o zoom geográfico, partindo do próximo para espaços mais distantes. Muitos alunos relataram não saber bem o que é um continente, o que é América do Sul e mesmo como se organiza o mapa do Brasil. Anotamos todas as dúvidas para que elas pudessem ser retomadas posteriormente.

Após a conversa sobre o que a letra da canção nos apresentava e o que os alunos sabiam sobre a temática, propomos a construção de desenhos sobre os lugares familiares a eles, enfatizando sempre que o importante era retratarem o que sabiam e conheciam, pois estávamos apenas começando o projeto de trabalho. A partir dos desenhos prontos e coloridos, cada um mostrou o que produziu e expôs o porquê da escolha de determinado lugar. Alguns desenharam a casa, outros o bairro onde moram, a cidade, o mapa do Brasil, o planeta Terra.... Para finalizar, montamos, com os desenhos feitos, um painel em sala de aula cujo título foi “Lugares que já conhecemos ou queremos conhecer”.

2) Explorando o globo terrestre e o mapa-múndi

Com a identificação dos conhecimentos prévios dos alunos, realizada na atividade anterior, dividimos os alunos em três grupos e entregamos um globo terrestre para cada um. O objetivo era observar aquela representação e que escolhesse um colega para que fosse apresentado tudo o que o grupo conseguisse descobrir. Constatamos que a atividade se mostrou muito prazerosa para os alunos com um significativo grau de interação entre eles. Ao final da atividade, informamos que o globo terrestre é uma representação que imita o formato da Terra. Além disso, pedimos a atenção para detalhes que nenhum dos grupos tinha conseguido observar: os continentes, os oceanos, os maiores países do mundo, os menores, as linhas imaginárias etc.

Depois da exploração do globo terrestre, partimos para a exploração do mapa-múndi político, por meio de um exemplar de bom tamanho, que foi fixado na parede – e que nela ficaria – para nos auxiliar nas dúvidas e consultas sempre que necessário. Informamos aos alunos que se tratava de um planisfério, uma representação em superfície plana de toda a esfera terrestre. Conversamos muito sobre o mapa e eles se mostraram curiosos sobre a organização dos países, o tamanho, a configuração dos continentes, dos oceanos. Mais uma vez explicamos o porquê da existência das linhas imaginárias cujas principais foram identificadas no mapa.

Em um segundo momento, os alunos receberam um mapa-múndi com os contornos dos continentes e países, porém de forma incompleta, exatamente para que eles pudessem completá-lo com as informações que tinham aprendido nas aulas e também consultando o exemplar do mapa fixado na parede. Dessa forma, escreveram o nome dos continentes colorindo-os com cores diversas, identificaram os oceanos e as linhas imaginárias. É importante ressaltar que a maior parte das crianças identificou o Brasil e quis colori-lo com um tom diferente, o que foi então estabelecido para toda a turma. Agora cada um já tinha seu próprio mapa para consultar quando necessário.

3) Por que existem tantos países?

Na atividade anterior, os alunos identificaram que o mundo atual é composto por muitos países. Nosso próximo passo foi trabalhar essa questão de forma mais aprofundada. Questionamos então: nosso mundo é formado por mais de duzentos países, por que será que existem tantos?

Para discutir esse assunto, os alunos leram e discutiram dois textos jornalísticos produzidos para o público infantil escolar. O primeiro foi publicado pela *Recreio*, revista infantil publicada semanalmente pela Editora Abril:

Como houve a divisão entre os países?

Para geógrafos e historiadores, os países são chamados de Estado ou nação. As fronteiras dos Estados foram definidas ao longo do tempo, por diversas razões. Em alguns casos, um acidente natural virou fronteira porque era difícil de ser atravessado. Em outros, um Estado invadiu um país vizinho e aumentou seu território, ou fez um acordo e dividiu uma área com outra nação. Há, ainda, Estados que nasceram como colônias de países mais poderosos e viraram países. Vale lembrar que as fronteiras atuais também podem mudar no decorrer da História.

FONTE: Revista Recreio, 13 jan. 2011, p. 5.

O segundo texto foi retirado da revista *Ciência hoje das crianças*, publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O mapa que nunca fica pronto

Nas décadas de 1950 e 1960, nasceram na África e na Ásia dezenas de novos países, depois de essas regiões terem sido dominadas pelos europeus por cerca de 500 anos.

Do lado de cá, nas Américas, a primeira colônia a se tornar um país foi os Estados Unidos, que romperam com a Inglaterra em 1776. A partir de então, vários novos Estados independentes surgiram, inclusive o Brasil, que se liberou de Portugal em 1822. Como você vê, o mapa do mundo mudou bastante ao longo dos tempos!

Até mesmo na Europa, onde ficam os países mais antigos do mundo, nem sempre o mapa foi como é hoje. E ainda pode mudar mais... Por exemplo, os irlandeses, na Grã-Bretanha, e os bascos, na Espanha, lutam para formar seu próprio Estado soberano.

O mapa do mundo não muda só quando nasce um país. Às vezes, países já formados querem definir novas fronteiras, ou seja, querem que uma área que pertence a outro país faça parte de seu território. Assim os dois países disputam um mesmo pedaço de terra. Dependendo de quem ganhar a guerra, as fronteiras podem mudar de lugar. Aliás, a palavra fronteira veio de front- uma área disputadas por dois países onde se dá o confronto direto entre os dois exércitos.

Na verdade, todas essas brigas acontecem porque um determinado grupo de pessoas quer ter mais poder sobre um território, ou seja, essas pessoas desejam decidir algumas questões, por exemplo, econômicas, religiosas ou culturais.

Vistas como uma forma de dividir melhor o poder entre as diversas populações de nosso planeta, essas lutas parecem justas. Mas, se olharmos os países que já existem, percebemos que nem sempre há justiça dentro deles. Veja o Brasil: ocupa um lugar enorme no mapa, mas muita gente no país passa fome. Isso mostra que aparecer no mapa como um país não é suficiente para que o povo viva bem. De qualquer forma, a humanidade não pára de geografiar o planeta (geo = terra, grafar = marcar). É por isso que o mapa do mundo nunca fica pronto.

FONTE: Carlos Walter Porto Gonçalves. *Ciência Hoje das Crianças*, ano 10, n. 66, 1997.

Tendo por base os textos e a discussão realizada foi proposto um trabalho em conjunto, no qual a turma se dividiu em quatro grupos para discutir as seguintes questões: a) O que é um país ou Estado-Nação?; b) Como os países são formados?

Depois da discussão, os grupos elaboraram textos contendo as conclusões as quais chegam e que foram lidos para toda a turma. No nosso ponto de vista, essa atividade se mostrou muito proveitosa para sistematizarem as ideias e percepções dos alunos sobre as atuais configurações territoriais do mundo, além de desenvolver-lhes a noção de que o mapa do mundo foi sendo construído historicamente e ainda está em processo de construção.

4) Pela internet: conhecendo o Brasil e o mundo

Com a intenção de ampliar o conhecimento dos alunos sobre o Brasil e também sobre o mundo em que vivemos, a próxima atividade desenvolveu-se no laboratório de informática da escola. Lá, visitamos o site desenvolvido especialmente para crianças de sete a 12 anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O site disponibiliza variadas informações sobre o território brasileiro e seu povo, que foram contextualizadas com a turma por meio de discussões e brincadeiras. As crianças conheceram um pouco mais sobre o trabalho realizado pelo instituto, montaram quebra-cabeças especialmente com os mapas da América do Sul e do Brasil. Ainda construíram uma miniatura do planeta Terra conforme orientação contidas no site.

Ao retornarmos para a sala, pedimos que as crianças escrevessem o que tinham aprendido sobre o Brasil e o mundo. Em duplas, elas montaram frases significativas contando sobre as descobertas feitas no laboratório de informática, que foram expostas no mural da sala de aula. Pelo que pudemos constatar, os alunos gostaram das atividades e ficou claro que o computador realmente é uma das mídias mais atraentes para eles, o que pode ser bastante positivo na exploração de conteúdos geográficos.

5) A circulação de informações sobre o mundo

Pedimos que os alunos assistissem, em casa, a um telejornal registrando, no caderno, três informações sobre lugares distantes de nossa cidade. Explicamos que era necessário situar as notícias colhidas no tempo e no espaço em que ocorreram. Para isso, elaboramos algumas questões que pudessem orientá-los no registro da notícia veiculada pela TV: a) De onde foi retirada a informação e quem a produziu? Escreveu? Falou? (fonte); b) O que ocorreu? (o fato, o acontecimento); c) Quando? (tempo: dia, ano, mês, década, século se for o caso); d) Onde? (lugar: país, cidade, estado, região); e) Os porquês (causas); f) Essa notícia tem alguma relação com a nossa cidade, estado, país?

Em tempo oportuno, discutimos as informações registradas, em uma roda de conversa, usando sempre o mapa-múndi para a localização dos lugares apresentados nas notícias. Os alunos se mostraram muito interessados na atividade e demonstraram perceber o quanto é intensa a circulação de informações sobre os diferentes lugares do mundo. Essa atividade serviu para alargar a percepção deles sobre os lugares distantes que, de algum modo, estão presentes em nosso cotidiano por meio da informação.

Após a conclusão dessa atividade, entregamos para os alunos diferentes revistas para que, em grupos, pudessem folhear, ler algumas partes, identificar imagens e textos do interesse deles.

Depois dessa exploração inicial, pedimos que eles prestassem atenção nas páginas que continham a publicidade de diferentes produtos (carros, alimentos, roupas, brinquedos, computadores, telefones, viagens, etc.) e que recortassem alguns deles tentando descobrir onde eram fabricados ou criados. Com os recortes colocados no mural da sala, os alunos montaram,

em seus cadernos, uma tabela contendo o nome dos produtos e dos países onde se localizavam as empresas fabricantes. Muitos produtos geraram dúvidas e exigiram uma pesquisa por parte dos alunos e da professora. Ao final, ficamos sabendo que muitos produtos do nosso dia a dia, na verdade, vêm de diferentes países. Posteriormente, as crianças localizaram cada país no com o auxílio do mapa-múndi. Essa atividade foi importante para que elas percebam como o mundo está presente no lugar em que vivemos.

6) Crianças de diferentes lugares do mundo

Com o objetivo de conhecer a cultura e o modo de vida de crianças de diferentes partes do mundo, trabalhamos com os alunos o livro *Crianças como você*, de autoria de Barnabas e Anabel Kindersley. Como a biblioteca da escola contava apenas com cinco exemplares, organizamos a sala de modo que cada aluno pudesse levar um deles para casa e o ler com atenção. Depois da leitura, dividimos a turma em cinco grupos e pedimos que respondessem as seguintes questões: gostaram do livro? O que chamou a atenção do grupo em relação ao que o livro nos mostra? Qual criança o grupo achou mais interessante? Por quê? Como é a criança brasileira retratada no livro? Será que todas as crianças do nosso país são parecidas com ela? Por que os autores acharam importante escrever um livro contando como são as crianças de diferentes países do mundo?

Depois de responderem às questões em grupo, fizemos um debate. As crianças demonstraram perceber, com clareza, que o mundo possui diferenças sociais, econômicas e culturais marcantes nos dias atuais.

Para finalizar, lemos em sala de aula um texto publicado pelo suplemento infantil *Folhinha*, do jornal *Folha de São Paulo*. Cada criança recebeu uma cópia do texto e depois pode observar o exemplar do suplemento, suas imagens, legendas e informações adicionais. Após a leitura, a turma discutiu sobre as semelhanças e diferenças entre a vida das crianças mostradas no texto jornalístico e suas próprias vidas. O debate foi interessante para acentuar como o mundo é diverso e plural. Hoje, quando se fala em globalização, podemos observar o quanto o mundo é marcado por diversidades culturais, sociais e econômicas.

À caça de ratos e cupins

Conheça a vida de crianças de vila de Moçambique, onde há insetos no café da manhã. Nem bem amanhece e lá estão as crianças moçambicanas à caça do alimento diário. Enquanto umas recolhem os ratos nas armadilhas, outras escavam a terra à cata de cupins. Uma folha de coqueiro é introduzida no cupinzeiro e zapt, os insetos são arrancados e devorados no café da manhã.

Assim começa o dia de uma criança na vila de Gilé, que fica no distrito de Gilé em Moçambique (África), onde vivem os descendentes do povo macua-lomué.

Depois da caçada, é hora de ir para a escola. Já os pequenos de até seis anos ficam em casa para cuidar dos irmãos menores.

Lá, no Gilé, há um rio importante que corta pequena vila, o rio Molócue. Nele a garotada brinca, toma banho, navega em canoa feita de casca do baobá (árvore conhecida na África como “embondeiro”) e pesca. Do rio também se retira a água para beber e fazer comida.

A moeda oficial em Moçambique é o metical (com um real se compra 15 meticais). Mas no Gilé é raro ter meticais. Boa parte das negociações é feita à base de escambo (troca de uma mercadoria por outra), em mercados e feiras.

FONTE: Folhinha, 03 ABR. 2010, p. 6)

7) Como somos nós?

Finalizando as discussões que nos permitiram entender as influências mundiais no lugar de vivência, sugerimos para a turma pensar sobre a importância de cada criança e as experiências delas vividas em um determinado tempo e espaço, assim como sobre como é bom compartilhar conhecimentos e histórias do presente e do passado, particular e familiar. Propomos, então, a escrita de um livro que contivesse as próprias histórias e experiências deles cujo título escolhido foi *Como somos nós?* Para a realização da atividade, solicitamos que cada aluno escrevesse uma página contando o que gosta de fazer, quais são seus sonhos, onde mora, quem são seus pais, seus amigos, como é viver em nossa cidade e no Brasil. Para ilustrar esse livro, a turma realizou – com a ajuda da professora de artes – um autorretrato feito com materiais diversos, acompanhado de um texto.

Os textos foram corrigidos e reescritos pelos alunos. Depois da correção, compartilhamos as produções com toda a turma. Cada criança leu o seu texto e mostrou o seu autorretrato. Partimos, então, para a confecção da capa e a montagem do livro. Os alunos se envolveram intensamente com a atividade. Ao final, eles mesmos expuseram o livro da turma para as demais salas da escola.

8) Avaliação do trabalho

Visando avaliar o trabalho desenvolvido com os alunos, foi distribuído a eles cópias do poema “Esse pequeno mundo,” de Pedro Bandeira:

Sei que o mundo é mais que a casa,
mais que a rua, mais que a escola,
mais que mãe e mais que pai.

Vai além do horizonte,
que eu desenho no caderno,
como linha reta e preta,
que separa azul de verde.

Sei que é muito, sei que é grande,
sei que é cheio, sei que é vasto.

Me disseram que é uma bola,
que flutua pelo espaço,
atirada pelo chute
de um gigante poderoso;
vai direto para um gol,
que ninguém sabe onde é.

Mas pra mim o que mais conta
é este mundo que eu conheço
e que cabe direitinho
bem debaixo do meu pé.

(BANDEIRA, Pedro. *Cavalcando o arco-íris*. São Paulo, Moderna, 1984)

Tendo por base o poema e as atividades desenvolvidas, os alunos foram convidados a expor o que aprenderam sobre o mundo, o Brasil, o próprio lugar onde moram e sobre como é ser criança nesse lugar. De maneira geral, a avaliação foi muito positiva, sobretudo em relação ao envolvimento da turma com as atividades.

Considerações finais

As mudanças vivenciadas no contexto da sociedade globalizada têm exercido influência em todos os níveis de ensino, em especial, no nível fundamental do ensino de Geografia, uma vez que essa disciplina tem a responsabilidade de atuar no processo formativo das crianças para que elas possam entender os seus espaços de vivência e o mundo mais amplo de maneira mais significativa e crítica. As posturas adotadas pelos professores e as concepções de mundo e de Geografia que eles têm também são afetadas em graus de intensidade diversificados.

Consideramos que o mais importante é levar para a sala de aula atividades significativas que propiciem oportunidades dos alunos perceberem as intrincadas relações que se estabelecem entre os lugares no mundo globalizado. Como vimos anteriormente, os impactos da globalização são sentidos de diferentes modos nos lugares, e as forças locais convivem dialeticamente com as forças globais. Assim, contraditoriamente, o lugar abarca mobilidade e vida enraizada, tempo lento e vertigem, solidariedade e individualismo exacerbado, encontros e desencontros, familiaridade e estranhamento, cotidiano compartilhado e solidão. Por isso, as novas relações entre lugar e o mundo redimensionam a perspectiva de trabalho do ensino de Geografia. Segundo Santos (1997, p. 252), “para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte”. Esse é o grande desafio para os professores que atuam nos anos iniciais.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Pedro. *Cavalgando o arco-íris*. São Paulo, Moderna, 1984.
- BAUMAN, Z. *Globalização – as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CALLAI, Helena. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CATROGIOVANNI, A. *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTE, Lana de Souza. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos no processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia. *Educação Geografia: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 66-78.
- HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, D. A. L. e outros. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- KINDERSLEY, Barnabas e Anabel. *Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo*. Tradução de Mário Vilela Filho. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- MORIN, E. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.
- STRAFORINI, Rafael. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2008.
- VESENTINI, W. J. *Sociedade e espaço*. São Paulo, Ática, 2005.

Recebido em: 17 de outubro de 2011.
Aprovado em: 29 de novembro de 2011.